

## Nacionalidade e representação do Brasil nas obras de Mário de Andrade e José de Alencar

Marinete Luzia Francisca de Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* (1928) de Mário de Andrade é tal como *Iracema, a lenda do Ceará* (1865) de José de Alencar um romance que incide sobre a nacionalidade brasileira a partir de pontos de vista e de épocas diferentes. Discutir-se-á a forma como o índio é representado na literatura brasileira e sua ligação com a ideia de nacionalidade a partir da perspectiva da formação da nacionalidade pós-independente, pós-colonial, recorrendo aos conceitos de “Instinto de nacionalidade” (1873), de Machado de Assis e de comunidades imaginadas de Benedict Anderson.

**Palavras-chave:** Origens, Identidade brasileira, Indianismo, Modernidade.

Traços nacionalistas são constantemente buscados pela crítica nas obras de Mário de Andrade e de José de Alencar. Isso deve-se, na visão de Machado de Assis em seu ensaio *Instinto de nacionalidade* (1873), ao fato de que a independência literária de um país não é feita por uma geração, mas por muitas. Assis considera que conviria analisar se já existiriam condições para determinar os elementos que a sustentariam. A publicação do romance *Iracema, lenda do Ceará* (1865), de José de Alencar e o advento do Romantismo teria iniciado, segundo Machado de Assis (1863) um longo período de reflexão na literatura brasileira, afirmando que esta estava marcada por um “instinto de nacionalidade”.

Considerando este pressuposto machadiano e o conceito de comunidades imaginadas de Benedict Anderson (1996) “the nation] is an imagined political community – and imagined as both inherently limited and sovereign”, que sustenta ainda que, as nações colonizadas “nações-crioulas” foram influenciadas pela forte oposição, praticada ao nível discursivo pela nações colonizadoras, entre o “nós”- europeus e o “eles”- não europeus, verificamos Mário de Andrade, distante de Alencar por quase um século representa o Brasil.

---

<sup>1</sup> Marinete Luzia Francisca de Souza é doutoranda em *Literatura Portuguesa (investigação e ensino)* pela Universidade de Coimbra e bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior).

O romance de Alencar é considerado um poema em prosa, narra a trágica história da índia Tabajara Iracema, a virgem dos lábios de mel, que apaixona-se por Martim, um guerreiro português. Assim, se o nome Iracema é um anagrama de América, o de Martim remete ao deus grego Marte, o deus da guerra, o romance é portanto, uma perfeita alegoria da colonização da América.

Alencar procurará ainda dar uma cor local ao seu romance imprimindo-lhe, primeiro termos nativos, Tabajarás, Potiguaras, Tupi e remetendo para lenda fundacional do Ceará materializada em Moacir (o filho da dor), fruto do amor de Iracema e Martim, o primeiro filho do Ceará/Brasil.

Embora o romance remeta a uma circunstância histórica, a independência política do Brasil e sua constituição étnico racial por meio da união entre o nativo e o europeu, ao subtítular seu romance como *lenda do Ceará*, José de Alencar caracteriza-o como uma narrativa fundacional. Remete ainda a um exotismo sem precedentes na nascente literatura brasileira, ou seja, opta pela utilização de termos recolhidos no vocabulário das línguas nativas, descrições pormenorizadas da paisagem tropical etc.

*Macunaíma, o herói sem nenhum carácter* (1928) vai buscar o que haveria de mais puro na nacionalidade brasileira, o índio nativo amazônico que contrastará com as virtudes de Iracema, operando um deslocamento espacial do Nordeste (litoral) para o Norte (floresta).

A obra de Mário de Andrade está ligada a uma fase da literatura brasileira, a Semana de Arte Moderna (1922) que, provoca o surgimento de autores que desejam discutir a questão da nacionalidade. Andrade, ao desejar criar uma sintaxe brasileira e valorizar a cadência nacional, procura sintetizar os regionalismos, criando, para isso, o seu herói. Mas, mesmo nesta síntese há contraponto entre a urbe (europeizada) e o império de Macunaíma.

Seu herói descobre que, muitos dos elementos e mitos e representações da cultura brasileira são construções europeias o que o leva a parodiar, na carta às *Icamiabas*, as construções discursivas coloniais sobre a América, especificamente, Pero Vaz de Caminha em sua *Carta a el-rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*.

Entretanto, autores surgidos após o movimento de 22, apontam para a para outros “brasis”. É o caso dos regionalistas, Jorge Amado e Graciliano Ramos que em suas respectivas obras revelam o nordeste; Guimarães Rosa que com uma sintaxe única apresenta-nos os sertão mineiro;

Miltom Hatoum, que inicia sua produção em 1990, construirá romances edificadas em outros parâmetros, a memória, imigração, a diversidade cultural e natural.

Ao circunscrevermos Milton Hatoum tal como Andrade e Alencar na discussão relativa à busca da nacionalidade brasileira na literatura, procuramos expandir o espaço nacional compreendendo sua obra como manifestação de outras faces do Brasil. Mais tarde, poder-se-ão incluir neste rol obras que alcançam o negro, a mulher e o espaço da favela.

Neste sentido retomamos e validamos as discussões de Machado de Assis quando este diz que, as doutrinas absolutas empobreceriam a literatura brasileira porque é certo que, todo autor fala do lugar onde nasceu, mas que, temas universais não empobrecem as literaturas nacionais. Ao contrário alçam-nas a condição de universalidade. Consideramos então que, embora no contexto na afirmação nacional brasileira o indianismo tenha funcionado como um dos traços definidores da nação, é válido analisar a literatura a partir de um prisma plural e diverso.